

racINEs ou a raiz quadrada de ser

Olhar para trás. Um olhar de relance para um galho, uma raiz ou um pau, uma pedra ou pedaço de cimento, um objeto que cava a terra, o lugar de pertença? Estes elementos tornaram-me visível na minha relação com eles, gatilho para a criação. É no ecrã quadrado que se instalam o primeiro olhar, a situação, o lugar onde me encontraram e levou à ação de os trazer comigo; e ao gesto artístico que reside em colocá-los em palco, criando uma nova narrativa para cada um deles. Não um elemento qualquer; aquele, especificamente, de entre muitos. Não foram escolhidos, foram eles que me escolheram. Para quê? Para inúmeras possibilidades. Uma delas: para a possibilidade do reencontro comigo própria. A raiz no sentido mais amplo do passado volta, desta vez, para um olhar mais íntimo. Um olhar sobre o passado, a revisitação de objetos criados em tempos diferentes, que se tornam agora presente. Gestos de tempos diferentes coabitam o espaço para a possibilidade do ser. Os pequenos ecrãs quadrados são palco para receber esse primeiro gesto e os outros subsequentes, uma espécie de antes e depois do ecrã, que existe agora no momento presente, contendo em si a possibilidade do todo. Do porvir. Um porvir ainda muito ligado às extremidades (entre a raiz e o galho, em que ambos são o mesmo em simultâneo, criando espaço de possibilidades nesta sobreposição), às projeções que se inscrevem a grafite num gesto mínimo e remetem para um futuro no sentido do projetar, a sombra mas também o corpo de há mais de vinte anos que se enraíza agora (naquela altura não) ou a sua representação nos pequenos vestidos enraizados, um de criança pendurado no cabide sobre o tronco contendo em si o nascimento e o crescimento. É nesta dança entre os elementos naturais que me escolheram e outros revisitados do passado que se coreografa esta raiz quadrada de ser.

Sandrine Cordeiro | novembro 2019